

260

190

DISCO

Milton ecológico

Txai é resultado de um primeiro encontro do compositor com os índios, seringueiros e ribeirinhos, no tempo de formação da Aliança dos Povos da Floresta.

GILMAR EITELVEIN

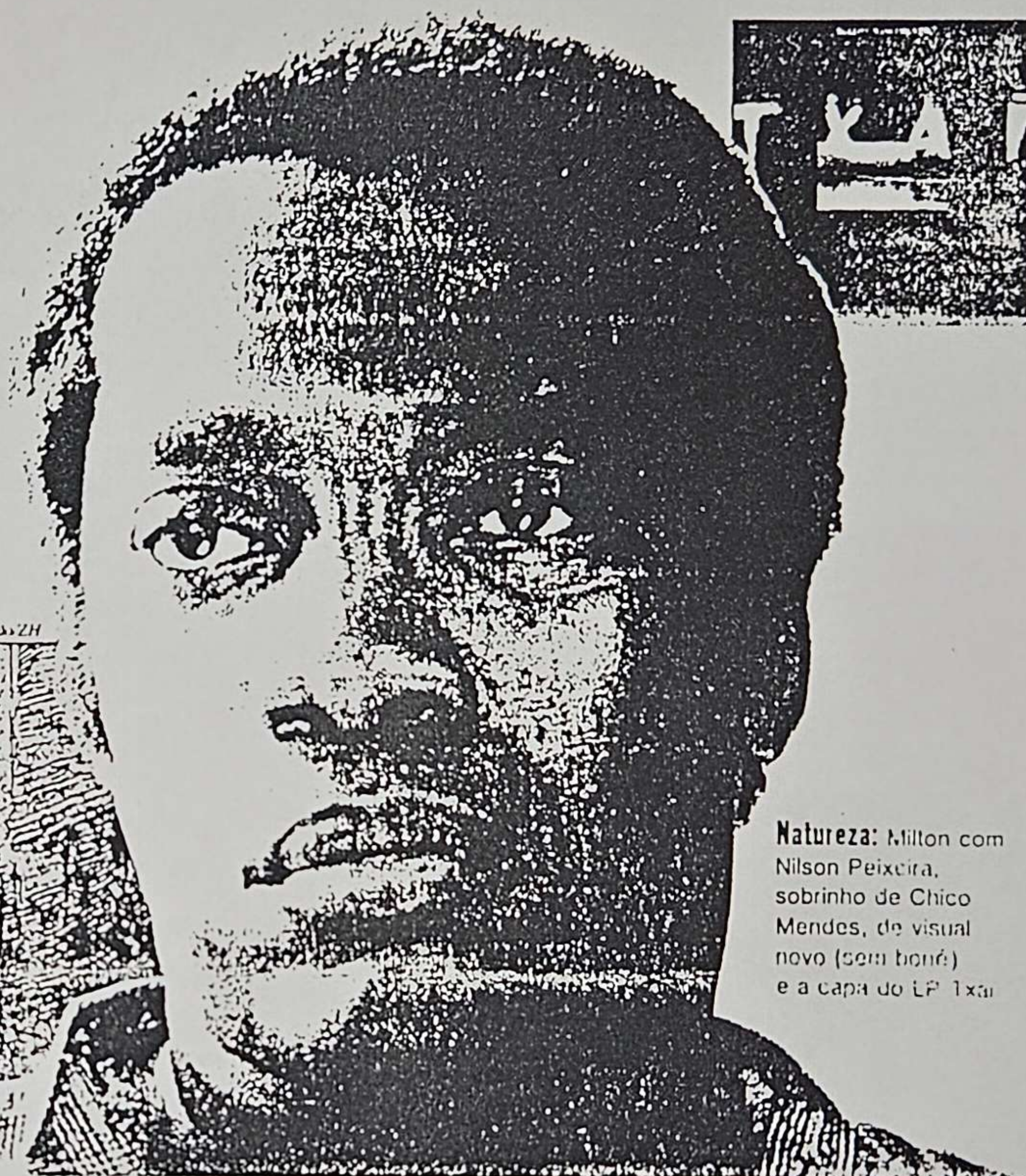
Edição 2ª Caderno ZH

Txai, o novo disco de Milton Nascimento, marca o encontro do compositor com os povos da floresta. "Há muito queria fazer um disco assim", revela ele. Durante a turnê de *Miltons*, seu LP anterior, nos intervalos dos shows, ele conversou com índios e seringueiros que passavam por São Paulo, Brasília e Rio, e passou horas escutando uma seleção de músicas de várias tribos indígenas reunidas em fita. Em maio do ano passado, abriu espaço num show em São Paulo para que a União das Nações Indígenas (UNI) e o Conselho Nacional dos Seringueiros comunicassem ao povo da cidade a aliança que acabavam de celebrar no 1º Encontro dos Povos da Floresta, realizado em Rio Branco, no mês de março, para defender suas terras e recursos naturais.

Em setembro, o compositor subiu o rio Juruá, partindo de Cruzeiro do Sul, no Acre, até a fronteira com o Peru. Foram 18 dias de navegação, conversas, pernoites em casas dos habitantes ribeirinhos e sessões de música. Na volta Milton começou a transmitir aos velhos parceiros letristas suas impressões de viagem. *Txai* começava a tomar forma. Enquanto isso, uma equipe da Quilombo/Núcleo de Cultura Indígena — responsável pela produção do artista — foi registrar músicas e imagens dos índios Waiápi (Amapá), Kaya-pó do A-Ukre (Pará) e nos Paíter (Rondônia). Essas músicas, cantadas em cerimônias e reuniões, recolhidas em gravações diretas, servem como vinhetas que separam as novas obras do compositor. *Txai*, palavra da língua dos índios Kaxinawa, comum à maioria das línguas da família Pano, da Amazônia Ocidental, foi adotada por índios, seringueiros e ribeirinhos do Acre como tratamento de respeito e carinho a todos os aliados dos povos da floresta. Significa 'companheiro', 'uma metade de mim'.



Fotos Márcio Ferreira — Divulgação ZH



Natureza: Milton com Nilson Peixeira, sobrinho de Chico Mendes, de visual novo (sem boné) e a capa do LP *Txai*.

"Devemos muito de nossa luta ao Sting"

O novo disco, que fala de rios e povos da floresta, tem uma proposta de ser político, de buscar um posicionamento de defesa da ecologia e destes povos?

— Sim, ele busca traduzir todos os sentimentos que vivi com estas pessoas, além de mostrar músicas indígenas. Quis trazer para as pessoas da cidade tudo aquilo que eles vivem, falam e precisam. Vamos fazer também um vídeo e um livro com desenhos do paulista Rubem Matuck e textos meus sobre estas impressões. Nos shows que vamos realizar, a turnê de lançamento do disco em todo o país, vamos levar telas para exibir imagens que fizemos além de apresentar o pessoal da Aliança dos Povos da Floresta para conversar com o público, explicar sua luta. A turnê inicia em agosto pelas capitais e depois interior. No início do ano que vem devemos levá-lo ao exterior.

Por que resolveu fazer um disco assim?

— Esta idéia eu tenho há muito tempo, desde quando fiz *O Milagre dos Peixes*, no início dos anos 70. Depois, no *Geraes*, gravei a música *Promessas do Sol*, que fala do sentimento dos índios, no *Clube da Esquina II* o musical dos Ava-Canoeiros e a música *Testamento*, além do LP

Yauareê, que tem a onça na capa. Conheci a floresta em todas suas visões, desde a beleza dos rios até as queimadas e derrubadas das árvores. Conheci o povo, graças à Aliança dos Povos da Floresta, que organizou a viagem pra mim e me cedeu várias litas com músicos indígenas.

O que mais chamou a atenção nesta viagem?

— As pessoas. A inteligência, sagacidade e tenacidade daquela gente simples. Eles retratam uma grande poesia, tanto nas horas alegres como tristes. Não têm medo de nada, nem de morrer por uma causa.

Você resolveu fazer este disco assim porque é um assunto polêmico no mundo inteiro, de repercussão internacional certa?

— Além de minha vontade, isso é inevitável. Acho que o disco está saindo numa boa hora, as pessoas estão todas voltadas para cá — isso é uma coisa que devemos muito ao Sting e sua viagem com Raoni pelo mundo inteiro, chamando a atenção para a situação dos índios e da Amazônia brasileira. Vários artistas do mundo começaram a tocar no tema e isso abriu uma porta pra gente daqui, que sente muito a

falta de respaldo para sua luta.

É preciso vir alguém de fora para chamar a atenção sobre estas questões?

— Na mídia a coisa funciona assim. É preciso uma pessoa de sucesso como o Sting vir aqui para as pessoas começarem a pensar sobre isso.

Você entende que os países do Primeiro Mundo estão mais preocupados que nós com a situação da Amazônia?

— Muito mais. Não só com a situação da Amazônia como também com os vários problemas da vida, dos direitos humanos, da poluição do mar e do ar. Aqui ninguém está preocupado com nada, a não ser com seu próprio bolso.

O que você observou em relação a queimadas, nesta viagem, é um problema tão sério quanto tem sido denunciado?

— Vi uma coisa que me deixou muito impressionado: as máquinas indo destruir as árvores e as famílias saindo das casas — crianças, velhos e jovens — dando-se as mãos e tentando impedi-las. As pessoas que vivem na cidade são destruidoras, teimosas e burras. Acho que vai demorar muito para perceberem o que estão fazendo. Não pensam no amanhã, se o mundo vai acabar ou não. Poucos estão levando esta questão a sério.

ZERO HORA